

# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 206/2012

## OLHAR PELO MUNDO

É sempre importante manter o nosso olhar atento ao redor do mundo; agora, nesta era da globalização, a importância é maior do que em todos os outros tempos da humanidade. Olhar para aprender, olhar por precaução, olhar por interesse e olhar por admiração.

Exemplo de aprendizado e também de precaução é o olhar para o espantoso crescimento da China, não só econômico mas principalmente militar: até o fim da próxima década é muito provável que a China seja a maior potência bélica do planeta. Para quê? Pode ser que seja uma atitude de precaução dela, só de defesa própria, já que não tem nenhuma base fora do seu território e não exhibe até agora qualquer movimento que se possa interpretar como ameaça de agressão ou dominação física a qualquer outro país. A interpretação mais plausível é de que esteja se preparando para a defesa futura da sua invejável condição de maior potência econômica do mundo. Ainda.

Exemplo de interesse está nas eleições presidenciais da França, que assumiram uma feição de confronto em nova chave entre as duas grandes vertentes de ideias que há séculos agitam o mundo. O quadro político europeu, entretanto, é de tanta perplexidade ante a crise, que extravagâncias repontam aqui e ali entre os candidatos, confundindo os eleitores: Sarkozy, conservador, propõe a implantação da Taxa Tobin; Jean-Luc Mélenchon, o da extrema esquerda, propõe imposto de renda de 100% acima de ganhos muito elevados, uma espécie de salário máximo da França; Marina Le Pen, ultra-direita, fala em estatização de bancos e até em apoio a Mélenchon no segundo turno. Difícil entender, e François Hollande, socialista clássico, provável vencedor, quer rever todos os acordos da União Européia, para desligar-se dos grilhões neoliberais comandados pelos alemães. Não é que a vitória do candidato socialista signifique uma socialização da França, mas é a evidência do repúdio ao reinado do mercado e da retomada calorosa do velho debate ideológico, espicaçado pelas candidaturas mais radicais à esquerda e à direita.

Exemplo de olhar de admiração é o que se volta para a Islândia. O que é este pequeno país, uma ilha tão afastada das rotas de comunicação do mundo? É uma modesta comunidade de cultura escandinava, que desfrutava de alto padrão de vida com uma economia centrada na pesca e sua industrialização, e uma renda bem distribuída, fruto de uma política tradicionalmente socialdemocrática. Um país que, nos anos noventa, caiu no conto do vigário, resolveu surfar na onda neoliberal, assumir-se como centro financeiro especulativo, e foi à bancarrota com a crise de 2008. Retornou à socialdemocracia, negou-se a pagar a enorme dívida externa gerada pelos bancos, em decisão política nacional confirmada em plebiscito, e não enfrentou nenhuma calamidade consequente. Ao contrário, vai se recuperando bem melhor do que os países do continente que, pressionados pela Alemanha e pelo FMI, adotam programas cada vez mais fortes de arrocho. E a mídia internacional não diz nada sobre a Islândia. É um país realmente muito pequeno, contudo foi notícia de destaque quando virou centro financeiro e, depois, quando entrou em bancarrota.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 206/2012

Bem, o nosso continente também mobiliza atenções, com a Presidenta argentina tomando a atitude de afirmação nacional ao reestatizar a empresa petrolífera que havia sido privatizada na onda neoliberal oportunisticamente assumida pelo nanico Presidente Menen, e a comunidade latinoamericana, por inteiro, afrontando a política norteamericana e declarando sua decisão de trazer Cuba de volta ao convívio diplomático das Américas. O recado foi dado diretamente pela nossa Presidenta mas o espanto maior ficou por conta do Presidente Colombiano, o mais ligado aos Estados Unidos, viajando a Cuba para pedir desculpas a Raul Castro pela ausência do convite a seu país para a Cúpula de Cartagena, o derradeiro gesto de exclusão.

Finalmente, a eleição presidencial americana, sobre a qual pouco há a dizer até agora, a não ser que não se esperam grandes surpresas mas se aguardam as notas e atitudes agressivas dos irados republicanos durante a campanha que se vai deflagrar.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)